ESOCITE 2015

Mariana Amaral Tomaz
Marinês Ribeiro dos Santos

Trajetórias de participantes de grupo de geração de renda por meio da costura: aprendizado de técnicas, trocas de saberes e formação de redes

Palavras-chave: costura; trabalho; gênero.

Costurando um cenário

Este trabalho tem como objetivo mapear e interpretar trajetórias de artesãs participantes de um projeto de geração de renda realizado em Curitiba de 2010 a 2014, com intuito de compreender os valores, relações e conflitos envolvidos nos processos de capacitação, produção e comercialização. O projeto de geração de renda em questão é o Vitrine Social (FAS, 2014). Ele tem como objetivo capacitar sujeitos em situação de vulnerabilidade social para que conquistem "autonomia" por meio do desenvolvimento de características empreendedoras pessoais, aprendizado da costura e do desenvolvimento e comercialização dos produtos (REIS, 2010).

Para iniciar esta pesquisa qualitativa, buscamos uma aproximação com o universo de pesquisa por meio de observação assistemática e não participativa em eventos e feiras de artesanato, registrada em diário de campo. As feiras de artesanato do Largo da Ordem e da Praça Osório são locais onde ocorre a comercialização dos produtos confeccionados pelos grupos de costureiras do Vitrine Social. Dessa forma, pouco a pouco fui conhecendo as artesãs, suas histórias e o nome do grupo de costura que cada uma fazia parte. Entre uma venda e outra, elas narravam como conheceram o Vitrine Social, como foi o processo de capacitação, as dinâmicas de comercialização e produção, as redes de solidariedade e os conflitos vivenciados.

Com intuito de aprofundar alguns temas e conhecer mais de perto as trajetórias de algumas participantes, foram feitas entrevistas semi-estruturadas estilo história de vida com três artesãs que participaram de cursos do Vitrine Social entre os anos de 2013 e 2014. Essas entrevistas foram conduzidas a partir das materialidades que foram construídas ao longo do próprio curso. Utilizando uma metáfora de Francisco R. L Ramos (2004), os artigos costurados funcionaram como "objetos geradores" que traziam à tona memórias e narrativas.

Foi utilizada a entrevista estilo história de vida com intuito de compreender as trajetórias de cada uma, a forma como se constituíram artesãs e as dinâmicas envolvidas no processo de aprendizado, produção e comercialização. A entrevista foi estrutura com base nas orientações de Karen Worcman e Jesus Vasquez Pereira (2006) presentes no livro "História Falada: memória, rede e mudança social". Os autores afirmam que "a história de vida não conta apenas o 'passado' de uma pessoa, mas revela muito sobre seu presente e indica como ela vislumbra seu futuro" (WORCMAN; PEREIRA, 2006, p. 203). A partir do ponto de vista das participantes, serão apresentados o programa Vitrine Social, as etapas iniciais, o desenvolvimento de produtos que alguns grupos comercializaram e as assimetrias e conflitos ao longo dos processos.

Formação de um grupo e de um projeto coletivo

A proposta do Vitrine Social é capacitar sujeitos em situação de vulnerabilidade social por meio da confecção e comercialização de objetos costurados (FAS, 2014). Em um primeiro momento, pode-se pensar que todas as participantes possuem trajetórias similares, com baixa escolaridade, com baixa renda e com pouca ou nenhuma capacitação profissional. Todavia, já nos primeiros contatos com as artesãs nas feiras ficou evidente a diversidade de trajetórias e motivações que levaram cada uma a iniciar o curso no Vitrine Social.

Em alguns casos as participantes estavam em busca de uma nova atividade, porque estava incapacitada de exercer seu trabalho anterior por questões de saúde (perda de visão, problemas de coluna, nos braços). Em outros, estavam aposentadas e desejavam ocupar o tempo livre. Outras já eram artesãs, comercializavam alguns produtos e estavam em busca de um ponto de venda melhor para seus negócios. A partir de Gilberto Velho (1994), compreendemos que projetos coletivos, como um projeto de inserção produtiva, não são compartilhados da mesma forma pelos/as seus/as integrantes, podendo coexistir desejos e objetivos pessoais divergentes.

O programa Vitrine Social era realizado simultaneamente em diversos Centros de Referência da Assistência Social – CRAS na cidade de Curitiba (FAS, 2015). Segundo Segundo Lilian Gomes Brandão dos Reis (2010) a metodologia adotada no programa é uma adaptação da CEFE- Competências Econômicas através da Formação de Empreendedores.

A metodologia CEFE tem como alvo o desenvolvimento do comportamento empreendedor e das competências empreendedoras pessoais, que é definida como a "capacidade de gerar uma resposta situacional e proativa baseada em: conhecimentos, habilidades, atitudes, visão e características" (REIS, 2010, p.5). Para isso, trabalha com o "aprendizado pela ação", cria experiências por meio de jogos e simulações e tem a flexibilidade de se adaptar às necessidades de cada grupo (REIS, 2010). Segundo a autora, esse aprendizado vivencial, que simula e dramatiza o cotidiano, faz com que as participantes internalizem suas experiências e resulta em transformações comportamentais.

Segundo Reis (2010) o programa Vitrine Social é dividido em seis etapas: diagnóstico; sensibilização; qualificação e capacitação; aperfeiçoamento e gestão; e produção e comercialização. No diagnóstico é feito "o planejamento das ações, a identificação do público alvo, suas potencialidades e vocações, o reconhecimento do território, a identificação, a seleção, mobilização" (REIS, 2010, p. 6). A *sensibilização* objetiva despertar a autoestima e a integração do grupo. Na *qualificação e capacitação* é feito o ensino das técnicas de costura em si e dos materiais empregados. Na etapa seguinte, *aperfeiçoamento e gestão*, trabalham mais o desenvolvimento de um produto que o grupo comercializará e aprendem questões relativas a gestão financeira. Por fim, na *produção e comercialização* são trabalhadas questões relativas ao processo de confecção de artefatos costurados e sobre a comercialização. A proposta da metodologia é que por meio de todos esses aprendizados os grupos alcancem autonomia em relação ao programa e sejam capazes de continuar produzindo e comercializando seus produtos por conta própria (REIS, 2010, p.6).

O início do curso para as participantes acontece na fase de sensibilização. Nesse momento, são promovidas uma série de dinâmicas que levam as participantes refletir sobre temas como lazer, trabalho, família e sonhos. As participantes são convidadas a desenhar uma expressão dos diálogos de cada dia e, depois, transformar tais desenhos em formas costurados em um quadrado de *patchwork*. Cada uma costura seus quadrados. Todas costuram lado a lado tais quadrados, formando uma grande colcha do grupo produtivo. Nesse momento, também criam um nome para seu grupo e costuram esse nome, letra por letra, na sua colcha (Figura 1).

Figura 1: Colchas de patchwork, cada uma costurada por um grupo diferente ao longo da fase de Sensibilização do Programa Vitrine Social. Fonte: a autora, 2014.

Conforme as participantes vão fazendo dinâmicas em grupo e compartilhando seus sonhos e planos ao longo da fase de sensibilização, vão criando objetivos em comum. Dentro dessa rede de relações as participantes vão acalentando determinadas ideias que dão força a um "projeto". No caso, o "projeto" de serem artesãs que comercializam seus produtos em feiras de artesanato em Curitiba e que ganham renda para seu sustento a partir dessa atividade. As narrativas sobre esse processo de formação de um "projeto coletivo" serão apresentadas por meio de diálogos com as narrativas das participantes. Tais narrativas expõem diferenças de valores, de trajetória, de classe e de geração e evidenciam a não homogeneidade do projeto coletivo (VELHO, 1994).

Cristiane, uma das participantes do Vitrine Social nos anos de 2013 e 2014, narra como foi a dinâmica do curso nos primeiros encontros, e como era o processo de materializar os sentimentos e questões levantados nos momentos de diálogo na forma de costura em patchwork:

> No primeiro dia a gente tinha que fazer bastante dinâmica né, sobre... de grupo, pra gente se enturmar, se conhecer, conhecer todo mundo que tava participando, saber um pouco de cada. E a gente tinha que fazer uma colcha onde a gente tinha que expor naquela colcha tudo que a gente estava sentindo naquele momento. E... E daí tinha uma dinâmica também. As vezes era pra gente expor o que a gente estava sentindo e tinha dias que a gente tinha que fazer uma dinâmica onde a gente tinha que expor na colcha o que foi passado na dinâmica. Aí a gente passava na hora tipo o que sentiu. Aí costurava, bordava lá e colocava na colcha. Foi bem legal. Ninguém sabia costurar, ninguém sabia bordar, ninguém sabia nada com nada e, tipo, foi aprendendo, assim, fazendo do jeito que sabia. Ninguém tava sendo nada... Tipo, não era exigido nada. Experiência, nada, cada um fazia do jeito que sabia, costurava do jeito que sabia. Foi bem legal (Cristiane, 2015).

Percebe-se aqui que a colcha não é apenas reflexo do que cada participante sentia após as dinâmicas. Existe uma troca entre a colcha e quem a faz. A transposição de uma ideia para um desenho e depois para uma forma em um pedaço de feltro, os pequenos pontos feitos a mão e a costura cuidadosa vão constituindo-as como costureiras.

A ação de costurar a "materialização" de seus sonhos e sentimentos ao lado dos sonhos e sentimentos das outras, somadas as ações de solidariedade com as colegas que ainda não sabem costurar (e os pedidos de ajuda) vão criando um senso de grupo e de interdependência. Por fim a escolha do nome e sua costura manual em região de destaque da colcha reforçam o sentimento de uma identidade compartilhada.

O processo de confecção da colcha molda os sujeitos envolvidos no processo. Dessa forma, a colcha de patchwork faz as artesãs a medida que elas a fazem. A ideia de constituição mútua entre sujeitos e artefatos é defendida por Daniel Miller (2003). Em sua teoria sobre cultura material este autor apresenta por meio de diversos exemplos o poder dos artefatos em moldar nossa gestualiadade, nosso comportamento e nossa compreensão de determinados ambientes. Justamente por serem vistos como secundários, ou sequer serem notados, os artefatos são capazes de "determinar nossas expectativas, estabelecendo o cenário e assegurando o comportamento apropriado, sem se submeterem a questionamentos" (MILLER, 2003, p. 78).

As colchas narram além de sonhos e de reflexões pessoais, as trajetórias dos grupos. Exemplo disso é a colcha do grupo de Cristiane que narra com seus espaços vazios a grande desistência que aconteceu em seu grupo (Figura 2). A colcha é repleta de quadrados feitos "a duas mãos". Muitas que desistiram do curso deixaram seus quadrados pela metade e as quatro participantes que ficaram até o final da confecção da colcha decidiram completa-los à sua maneira. Mesmo completando os quadrados iniciados, ainda sobrou espaço vazio na colcha. Para preenchê-lo decidiram fazer borboletas e tracejados simulando a trajetória de seus voos. Cristiane explicou que escolheram borboletas para "*dar asas pra imaginação. Nunca desanimar, sempre tá imaginando coisas diferentes".* A saída de muitas integrantes marcou também a escolha do nome do grupo:

> Decidimo por Raio de Luz porque era pouco, né? Daí a gente era pouca gente daí a gente queria, sei lá né. Daí a gente achava que tinha que ter pelo menos um raio de luz ali daquele monte de gente que sobrou, tinha que sobrar um raio pelo menos de toda aquela reunião que tinha, tinha que ter um raio de luz pra ficar no final (Cristiane, 2015).

Figura 2– colcha do grupo da Cristiane

Fonte: a autora, 2014.

Foi frequente nas narrativas os relatos de práticas de solidariedade entre as integrantes do grupo. Quem tinha mais experiência na costura ajudava as demais, ou mesmo assumia partes maiores do trabalho para si, procurando incentivar as colegas a continuar o curso. Segundo as narrativas das participantes, a experiência anterior de cada uma com técnicas manuais era bastante variada. Algumas aprenderam a costurar na infância e praticaram ao longo de toda vida. Outras fizeram um curso há muitos anos e retomaram o contato com a costura no curso. Outras aprenderam a dar seus primeiros pontos no Vitrine Social.

Todo o processo de convivência e aprendizado de dezoito messes que acontece no curso é um processo de criação de memórias partilhadas que dá sentido ao “projeto coletivo” de formação de um grupo produtivo. Esse senso de formação partilhada pode ser percebido na fala de Cristiane, quando ela comenta porque aquelas que deixaram o grupo no início não podem voltar agora:

> Daí agora que tá na fase mais já... Tipo... Como é que eu posso dizer... Já indo na feira, já trabalhando e tendo lucro, aí eles querem, quem desistiu, querem voltar. Só que agora já não dá mais porque a gente já tem uma estrutura e eles não tem o que a gente passou, o que a gente viveu, tudo aquilo, aquele controle, aquela (Cristiane, 2015).

Em sua fala, é possível perceber que o retorno financeiro não é o único elemento motivador para o "estar na feira". O "estar na feira" é também assumir uma posição de artesã reconhecida, regulamentada para comercializar seus produtos, de alguém que concluiu todo curso do Vitrine Social. Para Cristiane, o estar na feira parecia ser o projeto principal. Percebemos em relatos de outras participantes, principalmente as mais velhas, que o objetivo principal era a convivência com um grupo, ou o "sentir-se útil". Mesmo partilhado, o "projeto" apresentado (e negociado) logo no início do curso, assume nuances diferentes para cada sujeito. Velho (1994) explica que:

> Um projeto coletivo não é vivido de modo totalmente homogêneo pelos indivíduos que o compartilham. Existem diferenças de interpretação devido a particularidades de status, trajetória [...] gênero e geração (VELHO, 1994, p. 33).

Essas artesãs, com interesses diferentes, formam grupos e precisam negociar tais interesses, ritmos e gostos. Negociam com as instrutoras, com a designer do Vitrine Social e entre as próprias integrantes do grupo. Apresentamos a seguir narrativas de desenvolvimento, produção e comercialização dos primeiros produtos das turmas de 2014.

Técnicas que (não) escolhi

Na metade de 2014, havia cinco grupos que estavam cursando o Vitrine Social, cada um em um Centro de Referência de Assistência Social- CRAS diferente. Portanto, envolviam moradoras de bairros diferentes de Curitiba. Logo após costurarem a colcha de *patchwork* da fase de sensibilização, esses grupos foram convidados a aprender a costurar uma coleção de produtos. Os produtos haviam sido desenvolvidos pela designer do programa, com base nos elementos mais encontrados nas colchas de sensibilização dos grupos. Eram representações de: flor, passarinho, coração e estrela. A designer criou quatro tipos de produtos, de modo que as artesãs conseguissem confeccioná-los utilizando as técnicas que já haviam aprendido na confecção das colchas: corte e costura manual de feltro com pespontos. Os produtos eram prendedores de cabelo, broche, chaveiros e móbiles (Figura 3).

Figura 3: Produtos comercializados na Feira do Largo da Ordem. Fonte: a autora, 2014.

Segundo uma das artesãs, não houve espaço para diálogos entre os grupos, as instrutoras e a designer do Vitrine Social a respeito de quais produtos seriam comercializados nas feiras. Logo depois da conclusão da colcha da etapa de sensibilização, a instrutora apresentou para o grupo os produtos desenvolvidos e explicou que a designer fez uma pesquisa e extraiu as formas mais observadas nas colchas de patchwork que cada grupo havia costurado. No trecho abaixo Eliane conta como foi o processo:

> [A designer] Já trouxe todo o material, tudo os feltros, tudo. Aí a gente já começou a fazer os PCUs pra levar pra feira. Mas aí a professora também foi acompanhando. Nós fizemos um monte de produto que daí a professora acompanhou. O tamanho do fiozinho, o tamanho da perninha, da asinha tudo direitinho. Ajudou a gente a recortar bem certinho que seria como o modelo (Eliane, 2015).

Cristiane explicou que todos os grupos desse período aprenderam a costurar os mesmos tipos de produtos: móbile, broche, chaveiro e prendedor de cabelo, mas cada um em um formato diferente. A intenção era que a somatória dos trabalhos feitos por todos os grupos que cursavam o Vitrine Social naquele momento formasse uma coleção completa de produtos:

> Cada um foi fazendo um. Daí nós fizemo o chaveiro de estrela, outro fez chaveiro de coração, outro fez de borboleta, outro fez de não sei que. Era cinco grupo no começo (Cristiane, 2015).

Cada grupo aprendeu em poucas semanas a confeccionar os produtos propostos e já começou a produzir para a comercialização. Como houve pouco tempo para treinamento, foi de extrema importância a utilização das técnicas já treinadas na confecção das colchas:

> Não teve treinamento! Ah, vai treinar um primeiro, depois você vai fazer outro pra vender. Não era já fazer pra ir pra venda já. Nós não tinha tempo de ficar treinando. Já tinha treinado na verdade na colcha e no painel, né" (Cristiane, 2015).

Mesmo sendo uma técnica já ensinada, Cristiane e Eliane comentaram que tiveram dificuldades para confeccionar os produtos, devido às suas formas, ao pequeno tamanho dos bordados e à necessidade de padronização dos tamanhos. Cristiane relembra as primeiras costuras:

> **Cristiane**: Todos os pontinhos, tudo alinhadinho ali, a gente tinha que costurar, nossa! Aí costuremo a flor primeiro que foi o móbile. Depois fizemo o chaveiro de estrela, nossa! Tivemo mais dificuldade ainda.
>
> **Entrevistadora**: Pra ficar igual? - me referi as pontas da estrela serem iguais.
>
> **Cristiane**: Ah, pra cortar aquela estrelinha lá toda igualzinha, bem pequenininha, nossa... Nós com a mãozona da gente, parecia que era... Meu Deus do céu! (risos) Pra pegar nesse coisinha assim parecia que minha mão era gigante!

Nas narrativas se percebe uma busca pela padronização dos produtos artesanais, padronização próxima da tradicionalmente encontrada em produtos industrializados. O designer Christian Ullmann questionou a constante busca da perfeição em produtos e em tudo que consumimos por meio de uma exposição na Virada Sustentável de São Paulo no ano de 2011. Para Ullmann (2011) essa postura não é sustentável e faz com que o caráter único e especial de objetos feitos a mão seja perdido:

> Ao contrário do que é produzido pelas máquinas, esses produtos [móveis criados por ele] não encontram sua qualidade na perfeição, na precisão científica, mas na habilidade e destreza desses profissionais [marceneiros, serralheiros e costureiras]. No fim, ninguém é perfeito e são as nossas imperfeições que nos tornam especiais e únicos. Minha pergunta com a exposição foi 'por que isso não pode ser verdade também para alguns dos produtos que consumimos? '(ULLMANN, 2011, p. 59).

A exigência da padronização e a ausência de diálogo no desenvolvimento dos produtos que deveriam ser confeccionados e comercializados não foi recebida sem resistências pelas participantes. Nas primeiras visitas que fiz a barraca do Vitrine Social na feira do Largo da Ordem, entre julho e setembro de 2014, conversei com artesãs que comercializavam justamente os produtos de feltros discutidos aqui. Uma delas me explicou animada que eram formas que saíram de suas colchas de sensibilização e que algumas formas se repetiam em quase todos os grupos, mesmo sem um ver o trabalho do outro. Pareciam satisfeitas com o produto, até que, em janeiro de 2015, uma situação inesperada com o marido de uma delas trouxe à tona desabafos e narrativas de resistências e conflitos.

O marido de uma das artesãs veio visitá-la na feira em um domingo. Ele pegou um produto, perguntou o que era e logo comentou em tom grosseiro que era perda de tempo

vender aqueles “produtinhos”, que aquilo ali não vendia, não dava dinheiro nenhum, entre outros “desabafos indelicados”. Depois da situação constrangedora, ele foi embora e Eliane começou a relatar todos os conflitos em torno dos produtos. Comentou que algumas participantes deixaram o programa quando os produtos de feltro foram apresentados. Outras protestaram e disseram que se recusavam a vender tais produtos nas feiras.

O embasamento para a decisão de vender aqueles produtos foi questionado pelas artesãs: *Que tipo de pesquisa foi feita para chegar nesses produtos? Acho que devia ter pesquisado melhor!* E ainda podem ser percebidas resistências com relação a exigência de padronização no depoimento de Eliane (2015), que se recusa a continuar medindo tudo.

> Daí bem certinho. E medindo tudinho. Hoje a gente não mede, a gente põe ali e acabou. Antes a gente media direitinho, a anteninha, a perninha, sabe. Agora a gente já tem uma noção mais ou menos de como fica e não precisa ficar medindo (Eliane, 2015).

As artesãs que comercializam na Feira do Largo da Ordem atualmente foram as que aceitaram a proposta de confeccionar os produtos de feltro propostos. Todavia, com o passar dos meses e as vendas muito baixas, começaram a desanimar e a desejar a possibilidade de ter outros produtos ali. Elas comentavam que precisavam se adaptar ao que o público estava buscando. Segundo Eliane, somente o primeiro dia de vendas foi bom. Elas venderam mais de cem reais. Mas esse valor nunca mais foi atingido, o que tem gerado frustrações:

> É, depois a gente chegou até 80, acho que 100 as meninas chegaram. Mas nunca ultrapassou aquele valor, sabe. E a gente achou que ia ultrapassar. Tanto que muitas desistiram por causa disso, desanimaram. Mas vai pra feira e não vende nada. Mas não é culpa nossa. Talvez culpa do produto que você tá ali vendendo. Mas não sei... As pessoas... Não dá pra dizer que é culpa de alguém. Mas tem pessoas que não entendem, os maridos inclusive. Acha que vai pra lá, que vai vender tudo. (Eliane, 2015)

Percebemos nessas narrativas que foi criado um vínculo de dependência entre as artesãs, a designer e as costureiras que supervisionam o trabalho. Pois, mesmo insatisfeitas com o produto que comercializavam, as artesãs não se viam em condições de confeccionar outros artefatos e trazê-los para a venda. Não sem a prévia avaliação, correção e aprovação das profissionais do Vitrine Social.

Adélia Borges (2011), em seu livro *Design + Artesanato: o caminho brasileiro* e, em especial no capítulo “relações delicadas” aponta falhas nas relações entre designers e artesãos. A autora defende que o princípio básico para uma aproximação benéfica para ambas as partes é que não haja uma postura de superioridade por parte da/o designer. Antes, pelo contrário, a autora defende uma postura de troca mútua de saberes, pois assim como a/o designer teve

anos de formação sobre projeto e desenho de produtos, a/o artesã/o teve anos de prática artesanal para alcançar o domínio da técnica que trabalha. Todavia, nos casos estudados nessa pesquisa, não há uma comunidade de artesãs pré-estabelecida. Por mais que muitas participantes do Vitrine Social já soubessem costurar e realizassem outras técnicas manuais antes de entrarem no Vitrine Social, ali no programa estão na postura de alunos. A designer não só conduz as referências e formas dos produtos que cada grupo cria, como corrige as técnicas feitas. Aqui a/o designer tem a posição de mestre e avaliador/a, sendo necessário cumprir todas suas solicitações para que o produto possa ser comercializado nos pontos de venda do programa.

Compreendemos que as correções e direcionamentos fazem parte do processo de ensino das técnicas de costura. Também é necessário considerar que é "exigido" certo "padrão de acabamento" nos pontos de venda do Vitrine Social. Mas a questão que fica é se tal procedimento contínuo de aprovação é necessário e benéfico para as costureiras, que vão se aperfeiçoando, ou se isso cria um vínculo de dependência tal que, na ausência de um/a avaliador/a o grupo produtivo de costureiras não é mais capaz de criar seus produtos e dar continuidade ao seu trabalho.

Considerações finais

Assim como a construção da tecnologia, a construção dos produtos é um processo social. Além da negociação entre as integrantes de cada grupo, existe a interação com "possíveis consumidores/as", clientes e passantes da feira. Os/as clientes são importantes definidores/as dos produtos criados, influenciando na escolha de formas, tamanhos, cores, estampas, acabamentos, indicando até mesmo o desenvolvimento de produtos completamente novos. Ao longo das observações realizadas na Feira do Largo da Ordem e na Feira de Natal da Praça Osório, percebi que com frequência acontecem diálogos e observações que moldam os produtos. E que essas observações e desejo de mudança e adaptações dos produtos é mais frequente entre os grupos que já estão há mais tempo no Vitrine Social e, por consequência, tem mais experiência no desenvolvimento de produtos.

Nos diálogos com as artesãs mais experientes, fica evidente a adaptação das técnicas aprendidas, ou mesmo o abandono das mesmas, no desenvolvimento de produtos. Como a escolha por técnicas que podem ser feitas enquanto assistem TV, mesclando o trabalho com o tempo de lazer que têm disponível. Já entre os grupos mais recentes, nota-se sim uma

negociação com as técnicas ensinadas, mas em menor grau de liberdade de criação e adaptação. Nestes grupos mais novos é evidente a tentativa de aplicar a padronização característica da produção industrial a produtos artesanais, procurando apagar qualquer distinção entre produtos feitos por artesãs diferentes.

Com relação à organização da produção e comercialização dos artefatos, se observa a tendência de não continuar o trabalho em grupo. Os grupos iniciam o curso com aproximadamente vinte pessoas e, em quase todos grupos observados em minha pesquisa, no máximo seis integrantes concluem o curso. Logo no primeiro ano de comercialização o número cai para uma média de duas ou três artesãs apenas. E, nos anos seguintes a maior parte dos grupos deixa de ser "grupo", uma única artesã continua produzindo e comercializando seus produtos com o nome do grupo. Mesmo naqueles grupos que continuam com duas ou três integrantes, a produção é feita de forma individual. Dividem as encomendas entre eles e cada uma entrega sua parte da produção. Quando recebem, dividem igualmente os ganhos. A confecção dos produtos é feita então na própria casa de cada participante, em horários flexíveis e muitas vezes conciliando diversas outras atividades relativas ao cuidado de familiares e ao trabalho doméstico.

Percebemos nas trajetórias das artesãs que tivemos conhecimento ao longo dos anos 2014 e 2015 que, apesar das motivações diversas no início do curso, aquelas que continuam comercializando traçam objetivos em comum e estratégias para alcança-los em conjunto. Fato observado na recente criação de uma associação pelas integrantes de diferentes grupos do Vitrine Social. Grupos de anos (turmas) e bairros diferentes se uniram para formar uma associação. Dividem o aluguel de uma sala comercial e revezam o atendimento na loja. Assim, por meio de ações de solidariedade e cooperação vão construindo seus projetos de "artesãs-empreendedoras".

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Cristiane. Entrevista 1: história de vida [mar. 2015]. Entrevistadora: TOMAZ, Mariana Amaral. Curitiba, 2015. Entrevista cedida para a dissertação de mestrado de Mariana Amaral Tomaz.

Fundação de Ação Social de Curitiba: Ações de Geração de Renda- Vitrine Social. Disponível em: <http://www.fas.curitiba.pr.gov.br/conteudo.aspx?idf=136>. Acesso em: 01 mai. 2014.

LEAL, Eliane. Entrevista 1: história de vida [mar. 2015]. Entrevistadora: TOMAZ, Mariana Amaral. Curitiba, 2015. Entrevista cedida para a dissertação de mestrado de Mariana Amaral Tomaz.

LISBOA, Teresa K. **Gênero, classe e etnia**: trajetórias de vida de mulheres migrantes.Florianópolis: Ed. da UFSC; Chapecó: Argos, 2003.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas**: estudos antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. O objeto gerador. In:____. **A danação do objeto: o museu no ensino da história.** Chapecó: Argos, 2004. P. 31-36.

REIS, Lílian Gomes Brandão dos. **A Metodologia da Inserção Produtiva do Programa Vitrine Social Desenvolvido no CRAS:** Breve Análise. Curitiba, 2010. Disponível em: http://www.imap.curitiba.pr.gov.br/wp-content/uploads/2014/03/A%20METODOLOGIA%20DE%20INSERcaO%20Lilian%20Brandao_FAS.pdf. Acesso em: 01/06/2014.

ULLMANN, Christian. **Inspirações e imperfeições**. In.: Revista abcDesign, jul/ago/set 2011.

VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose**: Antropologia das Sociedades Complexas. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.